

O ÚLTIMO ANIVERSÁRIO DE HITLER

Por Daniel Afonso da Silva*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Em 20 de abril de 1945, no 56º aniversário de Hitler, Berlim estava sitiada; o Reich agonizava, e o Führer enfrentava o fim iminente da Alemanha nazista, cercado pelas forças aliadas.

Aquele dia 20 de abril de 1945 impingiu agonia ao Reich. Fazia primavera na Europa. O clima era bom em Berlim. O frio rigoroso esmaecia. A sensação térmica era amena. O vento ia conforme. Nutrindo frescor. Sem cortar nem maltratar. Leve. Sob um céu cinza. De pouca luz, muitas nuvens e pouco sol. Harmonizando tudo. Fazendo tudo bonito. Tipo preparação. Anunciando festa. Pois era, sim, dia de festa. Festa do aniversário do Führer. 56 anos. Que impunha — desde o Reich — comemoração. Malgrado discórdias. Às favas contradições. Adeus, lamentos. Adeus, lamentações.

Sabia-se que o momento era sensível e antecipador do fim. Fim do Führer, fim do Reich, fim do sonho, fim de tarde, fim de tempos, fim de mês. A embarcação nazista fazia água em todas as partes. Tudo e todos iam a pique. Impossível reverter, improvável remediar, improvável reparar. A entropia era geral, total, terminal. Contando minutos para encerrar tudo.

Sendo aquele aniversário do Führer um singelo medidor de tormento. Que ganhou pressão após o almoço. Às 15 horas. Com a deferência da juventude hitleriana. Que veio de longe, muitas partes, quase em sacrifício, no sincero desejo de festejar. Sentia-se ser a última vez. Com Hitler em uniforme. Ainda maioral e ainda Führer. Nas dependências do Reichstag. Sorvendo o momento. Passando em guarda essas não

mais que crianças. Às voltas dos onze anos de idade. Incorporadas à *Schutzstaffel; Saal-Schutz*, SS, famosa tropa de proteção. Engajadas pelo bem do império. Como futuro do Reich. Destino de um sonho. Que ali — naquela celebração — acelerava a sua desaparição. Feito brisa fina. Dessa que sucede tempestades. Como aquela que encerra o verão.

Hitler cumpria a função. Exalava respeito. Era gentil com as pessoas. Ainda encarnava autoridade. Mas a aventura ia terminando. Deixando como rastro a frustração. Cujo zênite ganhava forma justamente naqueles dias. Fins de março, fins de abril, inícios de maio. Quando Berlim foi toda cercada e ao Reich restou a rendição. Claro: feito humilhação. Como ocorreu em Stalingrado, Roma, Paris, Budapeste, Bucareste, Bruxelas. Uma nuvem de contrários sufocava o Reich e, agora, Berlim. Que agonizava pelos meios mais terríveis. Carregados de carnificina e, vez ou outra, regozijo.

Contradições — carnificina e regozijo — tornadas obsessões de Stalin. Que Roosevelt — morto naqueles dias — apoiava em espírito. Enquanto os generais da aliança — Eisenhower, Montgomery, Clark, Patton, Zhukov e Koniev — lideravam multidões para realizar. Leia-se: avançar, dominar, vencer, esmagar o Reich. Não sem resistências. Pois a Wehrmacht, inacreditavelmente, ainda agia. Ninguém entendia. Mas ela ainda agia. Resistia, combatia. Impondo calvários humanos adicionais inclementes. Levando o sofrimento a ultrapassar a dor.

Hitler via tudo aquilo em silêncio. Ele sabia tratar-se do fim. Era o seu aniversário. Mas era também um fim de tarde, fim de partida, fim de mês. Era um 20 de abril que nenhum nazista esqueceria. Pois todos foram obrigados a comemorar.

Cinco dias antes, no 15, o Exército Vermelho chegou a 100 quilômetros de Berlim. Foi impressionante. Hitler nem ninguém acreditou. Populações inteiras, em desespero, fugiam do Reich. Cidades e vilas eram devastadas. Civis e militares, seviados. Mulheres, violentadas. Apocalipse. Veredito final: sem salvação. A fúria soviética vinha como eclipse.

Tendo o sol por testemunha e lançando ao Führer a decisão de ficar ou fugir. Viver ou morrer por Berlim. No que ele decidiu ficar. Mas asilado num *bunker*. Para onde ele se mudou, naqueles dias. 14, 15, 16 de abril. Ao som de Wagner, do *Götterdämmerung (O Crepúsculo dos Deuses)*. Que a rádio do Reich — a mando do Führer — tocara para os três milhões de cidadãos de Berlim. Feito meditação. Mas da última vez. Pois o dilema de Hitler, agora, era de todos. Que fazer? Ficar ou partir?

O cerco era presente. Quatro milhões de soldados ingleses, norte-americanos, canadenses, franceses e poloneses ocupavam o *front Oeste* e porções ocidentais do país. Movendo-se firmes e rápido por Dresde, Leipzig, Thuringen e pelo Elba. Outros muitos milhões de soldados soviéticos dominavam plenamente o *front Leste*. Esmagando toda sorte de oponente e oposição e rumando decididos para o centro de Berlim.

A Wehrmacht, sim, resistia. Mas divisões inteiras começavam a desertar em todas as partes. Tornando todo o Reich e, notavelmente, Berlim desguarnecidos. Levando Hitler a desmesuras. Mesmo naquele seu dia. Um dia de festa. Quando Stalin, Roosevelt (*in memoriam*) e Churchill enviam-lhe esse presente: a concretização do fim de tudo.

Hitler sabia e sentia. O seu corpo já ia exangue. As suas mãos, trêmulas. O seu braço esquerdo, imóvel. Os seus olhos, sem vida. O seu semblante, envelhecido. Preocupando os seus convivas. Dos mais jovens aos mais vividos. Acabrunhando inclusive o seu médico, o doutor Morel, que nada conseguia explicar daquela deformação física tão acelerada.

Foi tudo rápido. Coisa de dias. Naqueles dias. Às vésperas do 20 de abril que a face de Hitler mudou. Envelhecendo muito. Passando a aparentar quinze ou vinte anos a mais que a idade que tinha. Malgrado as doses suplementares de vitaminas e glicose que o doutor Morel lhe impôs — desde o primeiro sinal de transtorno — utilizar.

Mesmo assim, a sua mensagem era firme: capitular nem pensar. Foi isso que ele transmitiu aos meninos da SS naquele dia. Que continuaria com festejos a partir das 16 horas. Mas, agora, com os altos dignitários do partido. Todos eles. Todos vieram e todos estavam lá. Ribbentrop, Goebbels, Himmler, Bormann, Göring, Speer. Nenhum, por claro, alimentando ilusão. O fim era incontornável. Restava-lhes encontrar a melhor maneira de terminar.

A ideia de Himmler era seguir envenenando a opinião pública soviética com notícias do anticomunismo anglo-saxão para atrapalhar a relação entre Moscou, Londres e Washington. Ribbentrop, de sua parte, ainda maquinava diretamente por uma ruptura abrupta entre Moscou e Washington antes do fim da guerra. Göring queria fugir para algum lugar. Hitler seguia inamovível. Queria morrer por Berlim. O que parecia aproximar-se.

Pois horas depois, na manhã do dia seguinte, as tropas de Stalin adentraram Berlim e chegaram às portas do Parlamento. Poucos metros do *bunker*. Impondo ao Führer a fúnebre exclamação: “*tudo é perdido!*”. E foi mesmo. Dias depois — cinco, dez, quinze — foi o fim de Hitler, fim do Reich e fim da Alemanha nazista.

Publicado no [Meer](#).

***Daniel Afonso da Silva** é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (Nupri) da USP e professor na Universidade Federal da Grande Dourados.
